

# FHC quer espaço em discussões mundiais

**Cristiano Romero**  
De Nova York

A pouco mais de um ano do fim de seu segundo mandato, o presidente Fernando Henrique Cardoso está preocupado com o peso reduzido que o Brasil tem no processo decisório mundial. Nas últimas duas semanas, nas conversas que teve com chefes de Estado de países ricos, o presidente expressou o projeto brasileiro de ter voz mais ativa nas instituições internacionais.

O Brasil é candidato declarado a uma vaga permanente no Conselho de Segurança das Nações Unidas. Pelas regras atuais, o país participa do Conselho por intermédio das dez vagas rotativas. Só cinco países têm assento permanente: Estados Unidos, Rússia, China, França e Reino Unido.

No sábado, no discurso que abriu a 56ª Assembléia-Geral da ONU, FHC cobrou a reforma do Conselho. A linha do presidente é a de fortalecimento das instituições multilaterais, com maior participação de países como o Brasil no processo decisório.

"Como todos que pregam a democratização das relações internacionais, o Brasil reclama a ampliação do Conselho de Segurança e considera ato de bom senso a inclusão, na categoria de membros permanentes, daqueles países em desenvolvimento com credenciais para exercer as responsabilidades que a eles impõe o mundo de hoje", disse FHC.

Embora a tônica dos discursos tenha sido essa, nos bastidores FHC apresentou outro pleito às nações ricas: o de que o Brasil precisa ter voz ativa não só no Conselho de Segurança, mas principalmente nos foros econômicos mundiais. O presidente

quer que o país tenha mais poder em instituições como o Fundo Monetário Internacional (FMI) e o Banco Mundial (Bird).

Na noite de sexta-feira, durante coquetel na residência oficial do cônsul-geral do Brasil em Nova York, Fernando Henrique revelou que tratou do assunto um dia antes com o presidente dos Estados Unidos, George W. Bush.

Embora não abra mão da candidatura ao Conselho de Segurança, FHC considera uma participação ativa nos foros econômicos algo mais vantajoso para o Brasil. Essa participação deveria corresponder, em sua avaliação, ao tamanho da economia brasileira, nona maior do mundo.

O Brasil tem pouco peso nas instituições que definem os rumos da economia mundial. No FMI e no Bird, a influência do país é reduzida. O voto do Brasil no FMI vale metade do voto da Rússia, que só ingressou na instituição em 1994 e tem um PIB equivalente a um terço do brasileiro.

"Me preocupo com o futuro", desabafou FHC no coquetel. "Tenho acesso pessoal a todos esses chefes de Estado, mas ninguém sabe se meus sucessores terão e é importante que o Brasil tenha voz ativa nessas instituições."

"Crescentemente o Brasil está compreendendo que é importante nossa participação no plano global, porque a economia está globalizada", acrescentou. "Se o Brasil não tiver possibilidade de ter voz forte, quem perde são os brasileiros no cotidiano."

No discurso na ONU, FHC cobrou também a expansão do G-7, o clube dos países ricos. "(O Brasil) considera inerente à lógica das atuais transformações internacionais a expansão do G-7. Já não faz sentido circunscrever a um grupo tão restrito de países a discussão dos temas que têm a ver com a globalização e que incidem forçosamente na vida política e econômica dos países emergentes", afirmou FHC.

Ao mesmo tempo em que reafirmou o apoio do Brasil à guerra dos EUA contra o terrorismo, FHC revelou o temor de que essa campanha silencie "a agenda de cooperação e das outras questões de interesse global".